



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MODA NO CENTRO DE SÃO PAULO: RUA JOSÉ PAULINO (1928-1980)

Fashion Industry and Commerce in São Paulo's central area: José Paulino Street (1928-1980)

Andrade, Stephanie Silveira Guerra de; Mestra; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), steguerra@gmail.com¹

Resumo: O artigo reconstitui a história da especialização têxtil da Rua José Paulino, principal corredor comercial do Bom Retiro, bairro localizado na área central de São Paulo. O recorte temporal inicia-se em 1928, com a abertura das primeiras oficinas de roupas prontas por imigrantes judeus, e encerra-se em 1980, ano a partir do qual a comunidade coreana assumiu o protagonismo do comércio de moda popular da rua.

Palavras chave: Rua José Paulino; indústria têxtil; história cultural.

Abstract: The article reconstitutes the history of the textile specialization of José Paulino Street, the main commercial street of Bom Retiro, a neighborhood located on São Paulo's central area. It starts in 1928 with the opening of the first ready-to-wear workshops by Jewish immigrants and ends in 1980, year in which the Korean community took on the leading of the street's popular fashion market.

Keywords: José Paulino Street; textile industry; cultural history.

Introdução

O presente artigo é resultante da pesquisa de mestrado *Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo: Rua José Paulino 1928-1980* (FAUUSP, 2018). O objeto tratado é a Rua José Paulino, principal via comercial do Bom Retiro, bairro paulistano conhecido por seu polo têxtil. O objetivo da pesquisa

¹ Possui graduação (2011) e mestrado (2018) pela FAUUSP. É pesquisadora no laboratório *Outros Urbanismos* (FAUUSP), no grupo de pesquisa *Lugares de Memória e Consciência* (FAUUSP-FFLCHUSP-CNPq) e no coletivo *Pisa – pesquisa + cidade*. Possui experiência em curadoria (Casa de Criadores) e docência (IEDSP) de temas relacionados à moda, arquitetura e cidades.



foi entender quais foram os fatores determinantes para o protagonismo da José Paulino enquanto rua de comércio de moda popular em São Paulo. Para isso a metodologia utilizada foi o entrelaçamento de três frentes de pesquisa: realização de entrevistas com descendentes e fundadores de confecções sediadas na rua; investigação iconográfica e em periódicos em acervos institucionais (Casa do Povo e Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo); e revisão bibliográfica. A análise e confrontação das informações advindas das três frentes de pesquisa possibilitou a periodização do recorte temporal 1928-1980, que estruturou os capítulos da dissertação de mestrado e os subtítulos do presente artigo. Os principais referenciais teóricos foram as pesquisas realizadas por Nancy L. Green (1997) e Sarah Feldman (2011; 2013). Green é autora de *Ready-to-Wear and Ready-to-Work – a Century of Industry and Immigrants in New York and Paris (Comparative and International Working-Class History)*, estudo comparativo entre a formação dos distritos têxteis de Nova York (Garment District) e Paris (Sentier), similares em muitos aspectos ao Bom Retiro. Feldman é responsável por *Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)* e *Bom Retiro: bairro múltiplo, identidade étnica mutante*, fornecedores de subsídios fundamentais para a compreensão da importância da atividade têxtil para a conformação identitária do bairro.

1. 1928-1945: Especialização têxtil e oficinas

Em 1928, surgiu a Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, instituição financeira fundada por integrantes da comunidade judaica que concedia empréstimos aos imigrantes recém-chegados para que os mesmos tivessem condições de abrir seus negócios próprios (MACEDO, 2005). Frequentemente mobilizando saberes adquiridos em seus países de origem (notadamente Polônia e Rússia), os imigrantes começaram a abrir oficinas produtoras de artigos de vestuário em ruas do Bom Retiro, com maior concentração na José Paulino. As



oficinas eram especializadas na produção de um ou poucos artigos, possuíam produção artesanal e estrutura mínima, com dois a quatro funcionários.

Salomão Zeiger, imigrante polonês proveniente da cidade de Kowel, chegou a São Paulo em 1924². Apesar de ter sido proprietário de uma alfaiataria em sua cidade natal, não conseguiu exercer sua profissão ao chegar, precisando trabalhar de mascate durante alguns anos até conseguir acumular capital suficiente para a abertura do próprio negócio, percurso comum a esse grupo de imigrantes judeus que se estabeleceu no Bom Retiro a partir da segunda metade da década de 1920. No início dos anos 1930, Salomão abriu sua oficina de alfaiataria no número 52 da José Paulino. Tendo seu primogênito David como ajudante, Salomão passou a incluir a fabricação de capas e sobretudos aos ternos que já produzia, em movimento de diversificação da produção aliada à manutenção de seu caráter artesanal.

Figura 1: Recibo da *Fábrica de Capas, Sobretudos e Ternos sob medida* de Salomão Zeiger, 1931



Fonte: acervo pessoal Sergio Zeiger.

Em 1932, ocorreu em São Paulo o conflito armado conhecido como Revolta ou Revolução Constitucionalista de 1932. Nele, setores da sociedade paulista se organizaram militarmente para reivindicar a elaboração de uma nova

² As informações relativas à trajetória da família Zeiger foram obtidas através de depoimento que Sergio Zeiger concedeu à autora em 24 de abril de 2017.



Constituição e a convocação de eleições por parte do Governo Federal, à época presidido por Getúlio Vargas (HILTON, 1982). O movimento contou com ampla adesão civil e um dos setores com grande envolvimento foi o de fabricação de uniformes para o exército constitucionalista. O conflito ocorreu no momento em que famílias judias que haviam chegado há poucos anos estavam estabelecendo suas ainda incipientes oficinas de artigos e roupas prontas na José Paulino. A demanda pela produção de grande quantidade de roupas e acessórios para os soldados (casacos, bonés, cartucheiras, etc.) em um curto espaço de tempo propulsionou algumas oficinas da José Paulino a intensificarem seu ritmo de produção, mantendo-o após o término do conflito. O casal Salomão e Yenta Trezmielina exemplifica o caso de imigrantes judeus poloneses recém estabelecidos na José Paulino cujos estabelecimentos ganharam impulso a partir dos acontecimentos de 1932. Proprietários de uma pequena oficina produtora de casacos, o casal passou a fabricar bonés para soldados paulistas durante o confronto, chegando a manufaturar 100 bonés por dia no auge da demanda. Após o término do conflito, voltaram a produzir casacos, porém mantiveram o ritmo de produção intenso³.

A associação entre o início do desenvolvimento da indústria de roupas estandardizadas e as demandas surgidas de setores militares é recorrente na história da moda. O surgimento do *ready-to-wear* nos Estados Unidos no século 19 é atrelado à fabricação de uniformes para integrantes da marinha, à Expansão para o Oeste e à Guerra de Secessão (1861-1865). O pouco tempo de permanência dos marinheiros em terra firme estimulou a produção em massa de uniformes navais pré-fabricados e o estabelecimento de tamanhos padrões, dada a impossibilidade de medição individual que a produção de um traje customizado exige. A Expansão para o Oeste introduziu a venda por catálogo, pois as fábricas do Leste forneciam vestimentas para colonizadores e colonizados, dado que o

³ As informações relativas à trajetória do casal Trezmielina foram obtidas através de dois depoimentos de Salomão concedidos a Eliane Kalmus e Paulina Faiguemboim em 16 de junho de 1994 e 10 de setembro de 1994. Fonte: Núcleo de História Oral do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.



Oeste ainda não possuía suas indústrias. A Guerra de Secessão, analogamente à Revolta de 1932 porém em escala maior, demandou a fabricação de grande quantidade de roupas e acessórios militares que precisavam ser produzidos muito rapidamente, algo que a produção manual não consegue suprir (GREEN, 1997).

Na esfera civil, alfaiates, por volta de 1820, tendo que se haver com uma demanda crescente por ternos, simultaneamente ao reconhecimento de certa padronização de medidas, começaram a produzir conjuntos masculinos anteriormente à solicitação dos mesmos por seus cliente. A standardização de roupas teve portanto seu início vinculado à produção de trajes masculinos civis e militares. Se na esfera militar o ritmo da demanda é fator determinante, na esfera civil é a linguagem que influencia. A roupa usada por homens possui desde o século 19 formas mais simples das utilizadas por mulheres, além de sofrer menos variações de estilo sazonais. Para a indústria da época, tal simplificação era essencial na viabilização de um ritmo de produção acelerado (GREEN, 1997). A pesquisa em periódicos impressos pela comunidade judaica nos anos 1930 mostrou que o início da história têxtil da José Paulino também foi atrelado ao guarda-roupa masculino. Anúncios de alfaiatarias, como a de Salomão Zeiger, e oficinas produtoras de artigos masculinos (gravatas, camisas, cuecas, bonés, chapéus, etc.) sediadas na rua apareceram em grande quantidade, enquanto que anúncios de estabelecimentos produtores de roupas e artigos femininos foram escassos.

Entre 1928 e 1945 foram abertos 310 estabelecimentos produtores de roupas e artigos de vestuário no Bom Retiro, sendo aproximadamente 300 (97%) de proprietários judeus e 145 (47%) localizadas na José Paulino (FELDMAN, 2013). Os números permitem afirmar que esse intervalo corresponde à especialização têxtil do bairro e de seu principal corredor comercial.

2. 1945-1959: Confecções e prêt-à-porter





As oficinas surgidas na José Paulino na década de 1930 cresceram, se desenvolveram e ganharam novos contornos a partir da segunda metade da década de 1940. Em decorrência de três fatores, a produção passou de artesanal para industrial, e as oficinas cederam lugar às confecções. O primeiro é histórico e corresponde à mencionada influência dos acontecimentos de 1932 para o aumento da produção de algumas oficinas. O segundo é tecnológico e se refere à automatização de etapas importantes do processo produtivo, como o corte dos tecidos. O terceiro é socioeconômico e se relaciona ao aumento da demanda por roupas prontas pela população de São Paulo, decorrente da metropolização pela qual passou a cidade sobretudo nas décadas de 1930 e 1940. Tal processo é caracterizado, entre outros aspectos, pela industrialização resultante do processo de substituição de importações e pelo crescimento populacional advindo do aumento de fluxos de imigração e migração (DEAN, 1971; LESSER, 2003; MORSE, 1970).

Algumas confecções mantiveram-se especializadas na produção de um ou poucos artigos enquanto outras diversificaram sua produção. Em ambos os casos suas estruturas de funcionamento cresceram, com o aumento do número de empregados e a necessidade de mais espaço para o funcionamento de suas atividades. Os processos produtivos das confecções assemelhavam-se a fábricas de montagem, com os componentes necessários para a fabricação de determinado artigo comprados prontos de fornecedores. A aquisição de tecidos e armarinhos era realizada fora do âmbito da José Paulino, frequentemente na rua 25 de Março (rua comercial do centro de São Paulo) mas também fora da cidade, em outros polos têxteis como Americana (cidade do interior do Estado de São Paulo). A costura podia ocorrer na própria José Paulino, no caso das costureiras serem contratadas das confecções, ou fora dela, no caso desta etapa ser terceirizada. O bairro da Casa Verde (Zona Norte de São Paulo) foi citado em



diversas entrevistas como local de residência de costureiras que trabalhavam em ou para confecções da José Paulino.

A partir da segunda metade da década de 1940, a fabricação de roupas femininas começou a ser mais presente na José Paulino. A ligação das mulheres com a fabricação da própria vestimenta e o fato da roupa feminina sofrer mais variações sazonais influenciaram para que sua standardização ocorresse posteriormente à da moda masculina. Contudo, a tendência à simplificação das formas decorrente da influência do guarda-roupa masculino e as novas formas de publicidade com foco no público feminino alavancaram a indústria de roupas prontas femininas na década de 1940 (GREEN, 1997). O anúncio da Indústria General Modas (1955), confecção surgida a partir do crescimento da oficina de Salomão e Yenta Trezmielina, mostra a indústria e o comércio de roupas prontas presente na José Paulino.

Figura 2: Anúncio da *Indústria General Modas*. Periódico *O Novo Momento*. Edição 7 de maio de 1955.



Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Na publicidade, Salomão utilizou os conceitos de praticidade e sofisticação como estratégia para se destacar entre as demais confecções, agregar valor à sua mercadoria e atrair clientela. Na metade da década de 1950, apesar da proliferação de confecções na cidade, a encomenda de roupas a costureiras ainda era comum, principalmente entre mulheres (MALERONKA, 2007). O anúncio buscava

7



convencer a cliente de que a compra da roupa pronta facilitaria sua vida pois suprimiria as etapas de manufatura da roupa feita sob medida (escolha de modelo, compra de tecido, contratação de costureira, provas, ajustes, etc.). Simultaneamente, adquirir uma roupa pronta na General Modas significava, segundo a publicidade, estar alinhada às tendências emanadas dos centros urbanos difusores de moda (Milão, Nova York e Paris). Embora a maioria das confecções da José Paulino das décadas de 1940 e 1950 ainda apresentassem pouca informação de moda, produzindo artigos e roupas utilitárias cujos modelos variavam pouco entre uma produção e outra, estas agora dividiam o endereço com confecções que se projetavam como marcas de moda, produzindo nos moldes do prêt-à-porter internacional. Ademais, por se dirigir à consumidora final, o anúncio indica o crescimento do varejo no comércio da rua, onde até então predominava o atacado como modalidade de venda.

Não foram apenas confecções de roupa feminina que começaram a se projetar como marcas na José Paulino da década de 1950. Ao longo dos anos 1930, Salomão e David Zeiger foram substituindo a produção de sobretudos e ternos sob medida pela de capas de chuva, chegando a ponto de inflexão na segunda metade da década de 1940, quando rebatizaram a firma de Goomtex (*goom* faz alusão à borracha utilizada na fabricação das capas e *tex* remete a têxtil) e transferiram a fábrica para um edifício localizado no número 220 da mesma rua. A evolução do negócio familiar foi agenciada pelas mudanças no artigo confeccionado (ternos cederam lugar a capas de chuva), na matéria prima utilizada (tecidos como crepe e lã foram substituídos por materiais plásticos) e no modo de produção (o artesanal e sob medida foi trocado pela standardização industrial). O modelo de capa de chuva fabricado e comercializado pela família Zeiger era bastante popular na moda masculina dos anos 1940 e 1950, e a Goomtex não era a única produtora do artigo na José Paulino. A capa de chuva masculina da época possuía silhueta muito similar à do trench coat (“casaco de trincheira” em tradução



literal), casaco desenvolvido pelas marcas Aquascutum e Burberry para soldados ingleses na Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Sua popularização pode ser creditada ao clima de São Paulo, na época já conhecida como “terra da garoa”, e ao lançamento do filme Casablanca em 1942, no qual o protagonista interpretado por Humphrey Bogart praticamente não tira seu trench coat. A Goomtex encerrou suas atividades em 1959, porém seu expressivo crescimento pode ser mensurado pela manutenção de um letreiro luminoso no topo do Edifício Martinelli (prédio famoso do centro de São Paulo) durante toda a década de 1950.

Figura 3: Anúncio da *Indústria Goomtex Limitada*. Periódico *Nossa Voz*. Edição 25 de agosto de 1949. Página 7.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/120987/per120987194900112.pdf>. Acesso em 24.02.2017.

3. 1959-1980: Lojas, galerias comerciais e comunidade coreana

Se na década de 1950 o varejo já era presente na José Paulino, como evidencia o anúncio da Indústria General Modas (1955), foi a partir do início dos anos 1960 que ele ganhou mais força. O aumento dessa modalidade de venda foi



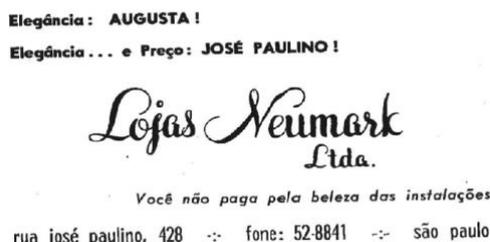
acompanhado pela tendência à evasão do setor produtivo das confecções da rua. A evasão foi motivada pelo crescimento das confecções, que passaram a necessitar de mais espaço para suas atividades, e pela valorização imobiliária que a rua sofreu decorrente do aumento de sua importância no comércio de moda popular paulistano. Por vezes passou a ser mais vantajoso economicamente para algumas confecções proprietárias de imóveis na José Paulino alocar seus espaços de produção para confecções menores e permanecer apenas com suas lojas na rua.

A Helenform, fundada pelo casal de imigrantes judeus poloneses Simão e Helena Neumark na década de 1940, foi uma confecção especializada em “roupas de baixo” (cuecas, calcinhas, cintas modeladoras, etc.) sediada no edifício de numeração 428 da José Paulino. No início da década de 1970, seu setor produtivo foi transferido para um galpão fabril no Cambuci (bairro do centro-sul de São Paulo)⁴. Como no térreo do edifício havia espaço para duas lojas, desde a década de 1960, a família Neumark comandava dois comércios distintos: a loja de fábrica da Helenform e as Lojas Neumark, comandada por Isaac Neumark, filho do casal. Esta última não era relacionada à produção da Helenform. Isaac adquiria peças de roupa produzidas por grandes fábricas de vestuário brasileiras e as revendia para pequenos comerciantes e clientes finais. Um anúncio de 1966 das Lojas Neumark faz um paralelo entre os comércios de moda praticados na José Paulino e na Rua Augusta, que à época era tida como a rua comercial mais chique de São Paulo.

⁴ As informações relativas à trajetória da família Neumark foram obtidas através de depoimento de Isaac Neumark concedido à autora em 17 de março de 2017.



Figura 4: Anúncio da *Lojas Neumark*. Revista *Shalom*. Edição 3 de novembro de 1966.



Fonte: Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo.

Segundo a publicidade, se a Augusta oferecia produtos que conferiam elegância a seus consumidores, a José Paulino também o fazia mas com a vantagem de seus produtos possuírem preços mais baixos, pois nela o cliente “não pagaria pela beleza das instalações”. É interessante como o anúncio realiza a um só tempo propaganda da própria loja (um estabelecimento honesto cujos preços dos produtos não seriam acrescidos de valores externos a eles), da José Paulino (rua de comércio barato mas que oferecia produtos de qualidade) e da Augusta (reafirmando seu status de rua chique).

Quatro galerias comerciais foram inauguradas na José Paulino entre os finais das décadas de 1950 e 1960, em movimento consonante ao que ocorria em outras ruas de comércio intenso do centro de São Paulo. As galerias funcionam como prolongamento das dinâmicas das ruas para o interior dos lotes. Na José Paulino elas foram resposta ao aumento de fluxo de pedestres e contribuíram para o incremento do varejo na rua, uma vez que seus pequenos lotes possibilitam a instalação de lojas, não de confecções. Nas galerias foram abertas filiais de lojas e marcas cujas matrizes localizavam-se em outras ruas da cidade, mostrando como a José Paulino era um ponto comercial almejado na cidade.

A partir dos anos 1970, imigrantes coreanos, cuja chegada a São Paulo iniciou-se no início da década de 1960, começaram a trabalhar no setor têxtil do Bom Retiro e da José Paulino. Em movimento análogo ao desempenhado por



judeus décadas antes, integrantes da comunidade se capitalizaram e começaram a abrir seus próprios negócios, sendo de 1977 o primeiro registro de confecção aberta por coreanos na José Paulino (CHI, 2016). Na mesma época, muitos estabelecimentos de proprietários judeus começaram a fechar. Os fundadores das confecções estavam se aposentando e a segunda geração, que tivera sido incentivada a ingressar no ensino superior, raramente dava continuidade às firmas familiares. O espaço aberto pela comunidade judaica concomitante à evolução dos empreendimentos coreanos fez com que a partir do início dos anos 1980 a indústria e o comércio têxteis do Bom Retiro e da José Paulino passassem a ser protagonizados pela comunidade coreana, que instaurou um modelo de negócios distinto daquele praticado pelos judeus.

Considerações finais

A história da consolidação da indústria e do comércio de roupas prontas na José Paulino dialoga com a história da moda moderna. Em relação ao objeto de estudo, as informações relativas à sua trajetória no recorte temporal proposto foram majoritariamente obtidas através de fontes documentais e orais. Em relação ao contexto geral de início e desenvolvimento da indústria e do comércio de roupas prontas, o conteúdo foi obtido a partir da revisão bibliográfica. Os conhecimentos advindos de fontes de diferentes naturezas permitiu articular objeto e teoria.

A atividade têxtil da José Paulino ter sido iniciada por uma comunidade estrangeira (judaica) e substituída por outra (coreana) vai de encontro à caracterização do setor têxtil como uma “indústria de passagem” (GREEN,1997). O baixo custo necessário para o investimento inicial é um facilitador, e processos dinâmicos de ascensão social abrem espaço para novos grupos de estrangeiros, pois é comum trabalhadores tornarem-se patrões e a segunda geração não dar continuidade aos negócios.



O início da especialização têxtil da rua é vinculado à produção de roupas masculinas, tanto civis quanto militares, o que também vai de encontro à história da indústria e do comércio de roupas prontas em geral. O aumento da participação da moda feminina na José Paulino foi acompanhado de um amadurecimento da produção de vestuário da rua, com maior influência de tendências de moda.

Por fim, a pesquisa mostrou que a gama de lojas e confecções da José Paulino era heterogênea no período estudado, com grandes produtores convivendo com negócios de menor porte.

Referências

ANDRADE, S. S. G. **Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo: Rua José Paulino 1928-1980**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2018.

CHI, J. Y. **O Bom Retiro dos Coreanos: Descrição de um Enclave Étnico**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2016.

DEAN, W. **A Industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

FELDMAN, S. **Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1925-1945)** in: LANNA, A.L.D.; LIRA, J.T.C de; PEIXOTO, F.A.; SAMPAIO, M.R.A. (Orgs.). **São Paulo. Os Estrangeiros e a Construção das Cidades**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

FELDMAN, S. **Bom Retiro: bairro múltiplo, identidade étnica mutante** in: Anais Eletrônicos, vol. 15. Encontros Nacionais da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano). Recife, 2013. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/download/4512/4381>. Acesso em 26.07.2018.

GREEN, N.L. **Ready-to-Wear and Ready-to-Work: A Century of Industry and Immigrants in Paris and New York**. Durham: Duke University Press, 1997.

GRUMBACH, D. **Histórias da Moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.



HILTON, S. **História da Revolução Constitucionalista de 1932**. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.

LESSER, J. **Jewish Immigration to Brazil** in: BAILEY, S.L. e MIGUEZ, E. J. (Orgs.). **Mass Migration to Modern Latin America**. Wilmington: Scholarly Resources Inc., 2003.

MACEDO, G. **História da Cooperativa Popular de Crédito do Bom Retiro: Primeiras Incursões**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

MALERONKA, W. **Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher 1920-1950**. São Paulo: SENAC, 2007.

MORSE, R. **Formação Histórica de São Paulo – De Comunidade à MetrÓpole**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.